

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

ANDRÉIA DA SILVA GOMES

TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA:
“VOCÊ TEM CARA DE PROFESSORA!” PROFESSORA TEM “CARA”?

Mariana
2022

ANDRÉIA DA SILVA GOMES

MEMORIAL

TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA:

“VOCÊ TEM CARA DE PROFESSORA!” PROFESSORA TEM “CARA”?

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Dr^a. Fernanda Ap. Oliveira Rodrigues Silva

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633t Gomes, Andreia da Silva.

Trajectoria de uma estudante de pedagogia [manuscrito]: "você tem cara de professora!" professora tem "cara"? / Andreia da Silva Gomes. - 2022.

33 f.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Memorial. 2. Reflexão. 3. Pedagogia. I. Silva, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.013.42

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Andréia da Silva Gomes

Trajatória acadêmica de uma estudante de Pedagogia: "Você tem cara de professora!" Professora tem "cara"?

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 30 de junho de 2022

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. José Rubens de Lima Jardimino) - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/07/2022



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/07/2022, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0357386** e o código CRC **72F03EAF**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008907/2022-28

SEI nº 0357386

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: (31)3557-9413 - www.ufop.br

*A todas as mulheres como eu,
Mulheres de garra, muitas delas anônimas,
que para estudar lutam diariamente contra
a ordem das coisas,
os efeitos de lugar,
as discriminações de gênero,
a demissão do estado,
a miséria do mundo
e as limitações de sua herança
social, econômica e cultural
REBECA CONTRERA ÁVILA*

*Ao Deus Todo Poderoso que dá Força ao cansado, vive
e reina para todo sempre.*

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	06
2- O LUGAR DE ONDE SOU	07
2.1- Um Pedacinho de História de meus Pais e Avós	08
3- MINHA ENTRADA NA VIDA ESCOLAR	10
3.1- A Perda de Papai	11
3.2- A Nova Casa e o Ingresso no Mundo do Trabalho	12
3.3- A Sétima Série	14
4- AS PASSAGENS PELO SISTEMA ESCOLAR DEPOIS DA MATERNIDADE	16
4.1- A Pouca Escolaridade para Conseguir Emprego	17
4.2- A Entrada no Supletivo	18
4.3- Os Estudos dos Filhos	19
5- A ESCOLHA PELA PEDAGOGIA	20
5.1- A Experiência no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)	21
5.2- Primeiras Percepções no Ensino Superior	22
5.3- O Período de Adaptação ao Ambiente Universitário	23
5.4- Aprendendo com os Discursos da Universidade Pública	25
5.5- O Período da Pandemia	27
5.6- Estou me Formando! E Agora?	28
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7- REFERÊNCIAS	30

RESUMO

Esse trabalho é produzido como requisito para conclusão do curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. O objetivo é utilizar esse espaço para rememorar e refletir sobre minha trajetória acadêmica, iniciando o relato com o meu ingresso no processo de escolarização, passando brevemente pela experiência de escolarização de meus pais, avós e familiares mais próximos, suas perspectivas e sentimentos de valorização em relação à educação. O Memorial de Formação possibilitou uma escrita pessoal que trouxesse a professora em formação para o protagonismo das narrativas, analisando sua trajetória, rememorando fatos, discorrendo sobre suas vivências e experiências. Exigiu uma reflexão crítica e ética sobre as experiências acerca de si mesmo, e das relações com outro. A metodologia utilizada foi uma abordagem qualitativa, utilizando-se do método narrativo autobiográfico que implica em registros de experiências ao longo da vida.

Palavras-Chave: Memorial Formativo, Escolarização, Reflexão, Pedagogia.

1-INTRODUÇÃO

Esse trabalho é produzido como requisito para conclusão do curso de Pedagogia do Departamento de Educação (DEEDU) da Universidade Federal de Ouro Preto, alocado no prédio do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) campus na cidade de Mariana-MG. A proposta é pensada em formato de Memorial Formativo e o objetivo é utilizar esse modelo para lembrar e refletir sobre minha trajetória acadêmica, iniciando o relato com o meu ingresso no processo de escolarização, passando brevemente pela experiência de escolarização de meus pais, avós e familiares mais próximos, suas perspectivas e sentimentos de valorização em relação à educação.

O objetivo específico é fazer uma relação da minha vivência com as situações enfrentadas, atravessamentos, percalços, descobertas e aprendizagens desde os anos finais do ensino fundamental até o momento de conclusão do curso. Dialogando com as teorias e práticas da Pedagogia. Significa ir ao encontro das contribuições da Pedagogia para a vida diária de uma mãe, dona de casa, trabalhadora e estudante, para além da formação profissional. O que as discussões e conteúdos trouxeram e agregaram, ou não, ao meu cotidiano. E os atravessamentos que fomentaram mudanças e experiências reflexivas de crescimento pessoal e profissional.

Não se trata apenas de lembrar fatos, histórias difíceis ou cômicas, mas, relacionar e analisar os acontecimentos e perpassos, dialogar com autores que discorrem sobre os mesmos assuntos e situações, entender melhor esses discursos e como eles podem nos ajudar na nossa prática profissional e também no viver social. O gênero discursivo possibilita que a escrita seja pessoal e traga a professora em formação para o protagonismo das narrativas, analisando e refletindo, sobre o que deu certo e o que precisa ser repensado. Tomando como referência autores como o educador Paulo Freire que, para ele, o exercício de reflexão de professores em formação deve ser constante, encontramos que, “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996, p. 39).

A metodologia utilizada é qualitativa, utilizando-se do método narrativo autobiográfico que implica registros de experiências ao longo da vida e o levantamento bibliográfico de autores que dialogam com os temas escolhidos para a escrita. O memorial de formação é um gênero textual baseado nas narrativas do sujeito que escreve e pode ser entendido como uma ação metodológica produtiva, por proporcionar ao autor uma maior reflexão e compreensão acerca dos processos de formação profissional e pessoal. Clandinin e Connelly (2000, p. 20) definem o gênero narrativo como “uma forma de entender a experiência”. As narrativas autobiográficas comumente são descritas como uma metodologia que consiste na produção de histórias e memorização de eventos sobre determinado tema, no qual, o investigador/escritor encontrará informações para entender determinados fatos ou ressignificá-los. Segundo Bruner (2002, p. 46-7), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente que “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história”.

1.1. O lugar de onde sou

Nasci na década de 1980 e tenho mais de 40 anos. Na data de meu nascimento meus pais moravam numa localidade pequena que alguns chamam de roça. Outros tem por distrito, zona rural, vila, vilarejo ou interior. Eu gosto mais de roça. É um distrito chamado Cachoeira do Brumado que pertence ao município de Mariana, Minas Gerais, e fica a 27km da sede. Foi fundado em 1º de junho de 1850, sendo colonizado por poucas famílias, assim, quase todo mundo que nasce lá tem parentesco em algum grau. Segundo o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 havia cerca de 2.261 habitantes. Quando eu era criança deveria ter um pouco menos, era bem menor. O local leva o nome da cachoeira que é alimentada pelo rio Brumado e tem uma queda de aproximadamente 14 metros de altura. O local da queda, que conta com infraestrutura para recebimento de turistas, se configura como um dos principais atrativos do município de Mariana. Outro atrativo são os artesanatos, que registram um grande legado histórico. Os artigos feitos em pedra-sabão, madeira, pita, palha, bambu e sisal, são objetos de apreciação e comercialização dentro e fora da comunidade, com reconhecimento nacional e internacional. Essa visibilidade começou a ser construída por homens locais que viajavam por dias em cima do lombo de cavalos levando tudo que era produzido para várias partes do país, são os famosos tropeiros e paneiros. No distrito existe o “Memorial dos Tropeiros” que conta com fotos antigas e

muitas histórias. Grande parte dos moradores ainda vive do artesanato e do turismo. Cachoeira do Brumado é um lugar do interior, charmoso e bucólico, o lugar dos sonhos para uma criança brincar, fazer amigos, conviver com a família, estudar, crescer e sonhar.

2.1. Um Pedacinho de história de meus pais e avós

É do Brumado quem vem toda a minha parentela paterna. Minha família materna não é de lá. Meu avô era uma espécie de trabalhador itinerante, se mudava com a família constantemente, era caseiro de sítios e fazendas, ia onde havia emprego, era negro, analfabeto assim como minha avó, que era lavadeira. Trabalho que realizou até o final da década de 1990. Os pobres, negros e indígenas historicamente são a parcela da população com os maiores índices de analfabetismo, subempregos e a maior parte da população privada de liberdade. Herança do sistema escravocrata implantado no Brasil no início do século XVI. E em meados 1535 chegou a Salvador (BA), o primeiro navio com negros escravizados, e só terminaria 353 anos depois em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea.

Oficialmente terminou, mas a população negra sofre as consequências e os reflexos da desigualdade deixada pela escravidão ainda hoje. Os negros, depois de teoricamente “libertos”, foram abandonados à própria sorte. Com pouco ou nenhum direito enquanto cidadãos brasileiros. Com relação à educação, o acesso era restrito, existindo até mesmo proibições de participação nos sistemas educacionais. Conforme Marcus Vinícius Fonseca, “são proibidos de frequentar as escolas públicas, [...] os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (FONSECA, 2002, p. 12). Embora existindo as proibições legais à escolarização dos escravizados, o autor afirma em pesquisas posteriores que identificou o registro de crianças negras na instrução pública no estado de Minas Gerais ainda na época do Império (FONSECA, 2007). Nesse sentido, as elites perceberam a educação pública como um lugar para pretos e pobres, [...] “por atender a uma clientela negra, mestiça e pobre, a instrução pública foi sendo organizada com precariedade em sua estrutura pedagógica e material” (VEIGA, 2008). A educação torna-se então instrumento de controle social.

Assim, diante da baixa escolarização, do racismo estrutural, dentre outras questões, historicamente, os descendentes desses sujeitos vêm sendo “empurrados” para os lugares mais precários no cenário social. As posições subalternas, vítimas preferenciais da pobreza e violência. Pessoas como meus avós, trabalhadores honestos, que morreram analfabetos e sem terem a oportunidade de possuir sequer um pedacinho de terra para chamar de seu. Porém, as

lutas sociais dos movimentos negros têm alcançado conquistas significativas, como as cotas para acesso de negros, pobres, pardos e indígenas em instituições públicas e privadas, com foco nos sistemas educacionais, alterando um pouco o cenário de desigualdade.

Como eu era criança, não sei dizer sobre todos os lugares para onde meus familiares tiveram que se mudar para encontrar trabalho, mas sei que foram muitos. Minha mãe conta as histórias. Isso prejudicou a educação dos meus tios paternos e da minha mãe, às vezes o trabalho do meu avô era em lugares tão isolados que não havia escolas. Eram fazendas agrícolas localizadas em zonas rurais afastadas das áreas urbanizadas, onde apenas os filhos dos fazendeiros estudavam, porque tinham os professores(as) que iam até às fazendas ministrar as aulas. E/ou esses filhos se mudavam para as cidades, ou até para outros países para obter a formação acadêmica. Essas práticas eram comuns dentro das famílias oligárquicas do país.

A população do campo sofre historicamente com a falta de escolas rurais, e estas, quando existem, não são pensadas para o contexto dos sujeitos que vivem no campo. O fechamento brusco dessas instituições, a precarização material e pedagógica, e a falta de políticas públicas específicas voltadas para essas escolas são alguns dos problemas enfrentados. Se hoje em 2022, ainda há muitos desafios, certamente a situação não era mais animadora nas décadas de 1950 e 1960. Meus tios só conseguiram estudar até a 4ª série. Deram continuidade nos estudos depois de adultos por causa das exigências das empresas empregatícias por qualificação profissional. Minha mãe é a única que permanece com a mesma escolaridade, pois, só trabalhou de empregada doméstica.

Já no nível superior, entrei num projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto chamado “Oficina de Alfabetização e Letramento” no ano de 2021, o projeto tem como público alvo adultos idosos que desejam aprender a ler e escrever. Pensei em convidar minha avó materna para participar do projeto, mas não deu tempo, ela faleceu em junho do mesmo ano com 84 anos, levando para o túmulo o sonho de aprender a ler e escrever. Quando penso nela e em todos os indivíduos que hoje são adultos e idosos que também têm esse desejo e não tiveram oportunidade de estudar na idade certa, participo com mais dedicação e motivação no projeto. Para o educador Paulo Freire o analfabetismo era uma castração dos homens e das mulheres, uma proibição que a sociedade organizada impunha às classes populares. Ele sublinha seu posicionamento político e social ao afirmar que o analfabetismo existe não por falta de condições de extingui-lo, mas sim, porque faz parte de um projeto de

sociedade. Ele acredita que as classes dominantes têm interesse que os pobres sigam analfabetos e miseráveis, tanto de bens quanto de conhecimento, pois assim o *status quo* se mantém e não há questionamento ou luta por justiça. (FREIRE,1994).

Numa de suas mudanças, meus avós foram parar no distrito de Cachoeira do Brumado, quando minha mãe era adolescente. Meus pais se conheceram e se casaram no final da década de 1970. Depois disso, meus avós se mudaram novamente e minha mãe ficou, pois, agora estava casada. Meus avós paternos eram nativos de Cachoeira, o avô só sabia escrever o nome, mas minha avó paterna era mais letrada, sabia ler, escrever e falar bem em público. Tinha desenvoltura social em qualquer ambiente, contava histórias hilárias, se relacionava bem com todos, e era dotada de imensa franqueza. A diferença entre ela e minha avó materna é que essa era branca e descendente direta de portugueses.

Meus pais estudaram até a 4^o série, o que hoje é o 5^o ano. Confesso que por muito tempo julguei meus pais por não terem dado continuidade nos estudos, pensava que se eles tivessem se esforçado para estudar teríamos uma vida melhor. Meu pensamento só mudou quando fiz as disciplinas de História e Filosofia da Educação no curso de Pedagogia. Aprendi que os pobres não tinham muita escolha, educação gratuita era somente até anos iniciais, sobretudo nas zonas rurais. Senti arrependimento de julgá-los sem entender o contexto em que cresceram nos anos 1960 e 70. Meu pai se tornou pedreiro e minha mãe dona de casa e artesã. Confeccionava tapeçaria de sisal. Eles tiveram 3 filhos, eu sou a primogênita.

3. Minha entrada na vida escolar

Entre numa escola estadual com 6 anos para cursar o pré-escolar no ano de 1987, no contexto do recente fim do regime de governo ditatorial. A situação educacional do país já era um pouco melhor se comparada ao tempo dos meus antepassados. Me lembro que a escola era bem estruturada, eu considero que os professores eram bons e amáveis. Mesmo depois de mais de trinta anos ainda tenho uma boa relação com algumas daquelas professoras. O educador é marcante na vida de seus alunos, e pode ser tanto positiva como negativamente. Para Paulo Freire, “o educador se eterniza na vida daquele a quem educa” e declara que “não se pode falar de educação sem amor” (FREIRE , 2013, p. 79). Entendo que, quando ele afirma isso, é no sentido de ser preciso ter amor ao ensinar. O pedagogo não diz isso de forma simplista ou sugerindo que, os educadores e educadoras não devem ser bem remunerados, e que devem trabalhar por amor. O que ele quer dizer é que o magistério deve

ser exercido com empatia e solidariedade, valorizando as pessoas e todas as suas particularidades. Considerando o lugar de onde vêm e suas histórias de vida. Essa escola se tornou um escola referência ganhando vários prêmios estaduais e nacionais, mesmo com uma abordagem mais tradicionalista, conseguiu se sobressair de alguma forma. Foi a primeira escola daquela localidade, que hoje é considerado o distrito Marianense com maior índice de pessoas alfabetizadas e com nível superior segundo o censo do IBGE de 2010.

Mas, a merenda escolar naquele tempo era horrorosa! Sempre sopa de macarrão sem recheio algum, ou mingau servido no caneco. Havia uma lanchonete que vendia coisas gostosas, lá tinha um pão com molho que, meu Deus! Era bom demais! Mas era só para os mais abastados, aquilo era desumano! O cheiro do molho se propagava pela escola, a gente não conseguia mais se concentrar nos estudos depois disso. Só pensando naquelas delícias. Ainda consigo sentir aquele cheiro. Hoje essa diferença de merenda é proibida nas escolas. Os lanches oferecidos nas escolas públicas ficaram melhores, políticas públicas de estruturação das escolas alcançaram muitas conquistas, garantido o direito dos estudantes a uma alimentação mais digna e nutritiva. A alimentação escolar é um direito constitucional, garantido pelo Art. 208 da Constituição Federal, e no Capítulo III, Art. 4º da Lei de Diretrizes e Bases LDB/9394/96. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), tem como objetivo atender às necessidades nutricionais dos alunos e a formação de hábitos alimentares saudáveis, durante sua permanência em sala de aula. Contribuindo para o crescimento, desenvolvimento, aprendizagem e rendimento escolar. Devendo ser entendido como uma política pública que abarca os direitos de crianças, adolescentes, jovens e adultos em todo o país.

O curso de Pedagogia me trouxe mais conhecimento acerca de políticas públicas, assunto que nem sabia do que se tratava antes de entrar na universidade. A gente se satisfaz e agradece pelo mínimo, direitos são tolhidos e nem percebemos. Não conhecemos as leis como deveríamos. Os governos se aproveitam da ignorância da população, e essa falta de conhecimento e reconhecimento de direitos está atrelada, dentre outros aspectos, aos currículos escolares, o que é ensinado, a quem interessa o privilégio de alguns conteúdos em detrimento de outros, a falta de politização dos estudantes etc.

3.1. A perda de papai

Depois de dois meses frequentando o pré-escolar, a minha família sofreu um duro golpe. Meu pai faleceu em um grave acidente de carro que vitimou também meu tio materno e mais 4

peessoas da comunidade. Minha mãe ficou viúva com 26 anos e três crianças de 6 anos, 5 anos e um bebê de 4 meses. Isso me fez perder um pouco do encanto que estava sentindo pela escola. As massinhas de modelar, os lápis e papéis coloridos, tudo perdeu a cor. A professora soube do ocorrido e passou a me tratar com imenso carinho e atenção. Os docentes precisam conhecer seus alunos, seu contexto de vida, agir com compreensão e afeto. Pois, muitas crianças chegam na escola passando por alguma situação difícil e muitas delas só conseguem falar com a (o) professora(o), veem nos profissionais da educação um apoio, um alento.

Nessa época, não era comum acompanhamentos com psicólogos, era mais para as elites e geralmente nos consultórios privados. Foram tempos difíceis. Naquela época o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) levava muito tempo para aprovar o pagamento de pensão para viúvas e menores órfãos, vivemos por meses com ajuda de familiares. Com o tempo a gente foi se acertando. Mas, depois de alguns anos, minha mãe pôs na cabeça que queria se mudar e viver perto de sua mãe e irmãos, que na época já moravam na cidade de Mariana. Já que em Cachoeira só tinha os familiares de meu pai.

3.2. A nova casa e o ingresso no mundo do trabalho

No final do ano de 1992 minha mãe decidiu. Vendeu nossa aconchegante e espaçosa casa, que tinha fogão de lenha, quintal grande cheio de pés de frutas. Tinha laranja, goiaba, manga, abacate, ameixa, mexerica etc. Uma horta com muitos legumes e uma boa terra cultivável. Além disso, morávamos do lado da casa da minha querida vovó Mariquinha e perto da cachoeira, que dá nome ao distrito. Havia muitos primos, vizinhos e amigos, com os quais as brincadeiras rolavam soltas depois da escola e nos finais de semana até à noite. A vida na roça era um sonho. Mas o sonho acabou! Com isso houve em mim uma forte ruptura emocional, senti como se tivesse perdendo tudo que eu gostava. Além do que já havia perdido com a morte de meu pai. Os dramas psicológicos e emocionais naturais na pré-adolescência contribuíram para a intensificação das emoções.

Um dos primeiros problemas da mudança foi que minha mãe vendeu a nossa casa e não conseguiu comprar outra imediatamente na cidade. As propriedades rurais eram muito desvalorizadas e o valor recebido com a venda foi muito baixo, insuficiente para comprar uma casa na cidade com o mesmo padrão, então, fomos morar na casa da minha avó materna. Meu avô, marido dela, já tinha morrido, morreu dois anos depois do meu pai, que também perdeu seu pai um ano antes de falecer. Foram seguidas perdas. Passamos um ano lá. Um tanto de gente que não está acostumada a conviver, morando na mesma casa gera inúmeros

conflitos. Não foi um tempo divertido. A mudança foi muito radical e traumática, sempre tive mais afinidade com minha família paterna, mesmo porque, foi perto deles que cresci. Depois disso, minha mãe comprou uma casa que contava apenas com 3 cômodos e um pequeno quintal. Dormíamos todos juntos. A vizinhança era barulhenta, a rua não era pavimentada, não havia transporte coletivo para o bairro, tudo era longe, inclusive a escola. Eu ainda moro no mesmo lugar, e depois de trinta anos ainda não me adaptei.

Fui matriculada numa escola estadual que ficava em outro bairro. Era muito cansativo ir e voltar a pé todos os dias, e para piorar, minha casa é nas montanhas, tem muito morro para subir. Minas Gerais tem muito morro! Hoje é obrigatório a matrícula dos alunos em escolas próximas de suas residências. Já havia uma escola no bairro, mas se me lembro bem, não para minha série no turno diurno. Em 2008 foi aprovada a Lei nº 11.700 que obrigou o poder público a disponibilizar a escola pública mais próxima possível da residência do estudante, do ensino infantil e fundamental, ao acrescentar o inciso X ao artigo 40 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). No inciso V do art. 53 da Lei nº 8.069/1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), também garante o acesso à escola pública e gratuita próxima da residência do aluno, isso ainda na década de 1990. E quando não há nenhuma possibilidade de atendimento, o transporte escolar deve ser disponibilizado para o aluno.

Com poucos meses morando nessa casa, comecei a trabalhar no período da tarde na casa de uma vizinha. Limpava a casa, lavava a roupa e cuidava de duas crianças para ganhar o que hoje seria cerca de uns 20% do salário mínimo. Minha mãe insistia que eu deveria trabalhar para ajudá-la no sustento da casa. Eu tinha doze anos. O filho mais velho parece que sofre mais que os outros.

Um dos motivos das pessoas das camadas populares priorizarem o trabalho em detrimento dos estudos é que a necessidade de sobreviver é urgente e a formação acadêmica leva tempo. Demora a dar algum retorno. Nunca ouvi minha mãe dizer que queria nos ver graduados, apenas desejava que tivéssemos empregos, sejam eles quais fossem. Quando nos mudamos para a cidade ela abandonou quase que por completo o artesanato, conseguiu trabalho de empregada doméstica e nunca mais se casou.

3.3. A Sétima Série

No ano seguinte, minha mãe conseguiu para mim um emprego de babá em tempo integral, oito horas diárias, então minha mãe me matriculou na sétima série (nomenclatura antiga) no horário noturno. Para começar, eu chegava todos os dias exausta na escola, cuidava de uma criança pequena e ainda tinha que atravessar a cidade a pé ida e volta. Perdi logo o interesse de estudar, apesar de ter o sonho de cursar o ensino superior. O estatuto da criança e do adolescente já havia sido aprovado em 1990 que diz que menores só podem trabalhar na condição de jovem aprendiz, mas isso não funcionava naquela época, ninguém pensava nisso ainda. Qualquer trabalho honesto é digno, cada indivíduo deve saber valorizar o trabalho desde cedo. Porém, penso que se deve ter equilíbrio. O jovem deve aprender a trabalhar, valorizar e lidar com dinheiro, desde que, seja feito de uma forma que não prejudique outras áreas importantes, como o convívio com a família e amigos, o lazer e os estudos.

Nessa turma noturna só haviam alunos adultos, eu era a aluna mais nova, virei a mascote. Não era Educação de Jovens e Adultos (EJA), era a sétima série do ensino regular para jovens e adultos que trabalhavam. Fui fazendo amizade com aqueles colegas, alguns tenho amizade até hoje. No entanto, como eles já eram adultos, maiores de idade, suas práticas sociais eram bem diferentes da minha, estavam em outra fase. Eu era quase uma criança “abobada” que veio da roça sem saber quase nada da vida. Começamos a sair juntos, e rapidamente já imitava suas ações. Isso não foi bom para mim. Passei a beber e fumar, “matar” aula e namorar.

No final daquele ano sofri minha primeira reprovação escolar, sempre fui uma aluna exemplar, até então nunca tinha “perdido nenhuma nota”. No ano seguinte eu repeti aquela série. A essa altura minha mãe já estava indignada comigo, nossa relação foi ladeira abaixo, mas ela não percebeu que foi ela que, mesmo que indiretamente e sem perceber, me pôs nessa situação. Expor adolescentes a situações nas quais não estão preparados é perigoso, não sei se a palavra certa é “preparação”, mas é necessário se ter cuidado. Talvez a falta de maturidade seja um conceito melhor.

Com quinze anos estava na oitava série. Já trabalhava de empregada doméstica em outro emprego, descobri que estava grávida de um rapaz que já namorava há dois anos. Saí da escola e depois do emprego, não podia nem receber licença maternidade e os motivos são óbvios. O índice de adolescentes que abandonam a escola por causa de gravidez é alto no

Brasil, sobretudo entre a população das camadas populares. Uma pesquisa realizada em 2014 constatou que,

Cerca de 1/3 das jovens brasileiras de 15 a 17 anos que abandonaram a escola já eram mães, e, daquelas que estudavam, apenas 2% tinham filhos. Essa é uma realidade não só no Brasil, mas na América Latina, visto que, em 2016, as mulheres latinas representaram 2/3 das jovens de 15 a 17 anos que não estudavam nem trabalhavam, com a gravidez na adolescência sendo apontada como um dos principais fatores de risco para o abandono escolar. (MASCARENHAS, SOUZA, et al., 2008).

A maioria das pessoas pensam que a gravidez na adolescência é apenas por falta de informação, talvez esse fator fosse mais decisivo nos anos de 1990. Porém, hoje em dia, no mundo da informação a um clique, não é mais. Para a psicóloga Diana Dadoorian, que vem realizando pesquisas sobre o assunto, existem outros fatores que vêm contribuindo para que as adolescentes engravidem. “Ao se privilegiar a fala das adolescentes sobre o seu estado, percebe-se que essa gravidez é desejada por elas, desempenhando, assim, um determinado papel na sua vida psíquica e social”(Dadoorian, 1994). Esse fato pode ser verificado no projeto de vida de adolescentes grávidas de classes populares. Todas as jovens entrevistadas pela pesquisadora, relataram a vontade de ter a sua casa e de residir com o marido ou namorado e o filho, o que geralmente não poderia ocorrer devido à sua situação econômica. Nesse sentido, essas adolescentes têm em sua psique um modelo de sociedade pautado no modelo de patriarcado que determina as relações de poder na sociedade (Dadoorian, 1994). Diana Dadoorian, que também é psicanalista, apresenta as importantes contribuições da psicanálise acerca da família, que se traduz no conceito de Complexo de Édipo.

O Édipo é um complexo familiar presente em todas as famílias humanas. Além de formador da subjetividade dos sujeitos, ele possui uma função social que se traduz pela transmissão dos valores morais, éticos e sociais, tendo como eixo norteador a posição econômica e cultural de cada família na sociedade (DADOORIAN 2012).

Para Freud, nas meninas, será através do desejo de ser mãe que ela se tornará mulher. Assim, o caminho que leva à feminilidade se dá por meio da maternidade. A maternidade se coloca, assim, como um atributo que caracteriza o feminino. Através do filho, um ser que é uma extensão do seu próprio corpo, a mulher se sente plena, nada lhe falta. “O filho funciona como um objeto que completa as suas carências e os seus desejos mais íntimos. O desejo de ter um filho, isto é, o desejo de ter o falo, é algo bastante forte no inconsciente feminino” (FREUD 1931). Depois de ler as pesquisas de Dra Dadoorian percebi que foi exatamente o

que aconteceu comigo, não foi por falta de informação, apesar da pouca informação que se tinha naqueles tempos. Hoje isso fica claro para mim. A vivência de adolescentes em situações de carência afetiva e relacional com a família, pode também provocar o desejo de ter um filho, em que este aparece como o objeto privilegiado capaz de reparar essa carência. Para o inconsciente é como, deixar de ser ninguém para ser a mãe de alguém!

Minha primeira florzinha nasceu em outubro de 1996. O pai foi trabalhar em outra cidade. Restou a mim a criação e educação da criança. Fui levando a vida com dificuldade, com o tempo voltei a trabalhar, mas estudar foi ficando para depois. Como não terminei os anos finais do Fundamental, no meu cartão de gestante estava escrito "Fundamental incompleto" aquelas palavras me doíam profundamente. Queria ter um bebê agora só para o médico escrever no meu cartão de gestante na parte da escolaridade "Superior completo". Mentira! Quero não!

4. As passagens pelo sistema educacional depois da maternidade

Depois de 3 anos eu voltei à escola para concluir o Ensino Fundamental, já na modalidade EJA. Cursei 6 meses e concluí a 8ª série (hoje 9º ano). Saí novamente da escola, não dava para estudar, trabalhar e cuidar de uma criança de 3 anos. Só retornei em 2003, 4 anos mais tarde, para iniciar o Ensino Médio. Fui para o ensino regular dessa vez.

No meu primeiro dia de aula nessa turma noturna do 1º ano do Ensino Médio aconteceu um fato engraçado e ao mesmo tempo constrangedor. Eu saí do trabalho e fui direto para a escola e portava na mão uma pasta. A turma era composta por alunos adolescentes que trabalhavam durante o dia, numa faixa entre 15 e 19 anos. A professora da primeira aula se atrasou. Quando eu entrei na sala todos se calaram e se ajoitaram em suas mesas. Olharam para mim, cumprimentaram com "boa noite" e alguém disse: - Silêncio! A professora chegou! Eu fiquei tão constrangida! Eles me confundiram com a docente da disciplina. Penso que por eu ser mais velha do que eles e ainda estar carregando uma pasta que lembrava a de uma professora. Será que existem pastas que parecem ser de professora?

E para piorar, só haviam mesas vazias no fundo da sala, fui andando até lá e todos olhando para mim em silêncio esperando que eu falasse algo. Quando me sentei na cadeira eles perceberam que eu era apenas mais uma colega e não a professora. Assim, voltaram a conversar. Foi uma mistura de emoções naquele momento. Ao mesmo tempo que senti uma satisfação instantânea quando pensaram que eu era a professora, veio também a *bisonhice* de

ser considerada adulta demais para ser aluna naquela turma de adolescentes. Fiquei pensando depois, como será ser professora? Foi a primeira vez que me imaginei dando aula. Depois desse fato não tirei mais isso da cabeça.

Depois de muito tempo após essa experiência, eu passei a rir muito da situação, mas demorou para eu me sentir melhor com relação a isso, me sentia deslocada. Agora a situação se inverteu, eu não era mais a mascote de uma sala de aula. E sim a aluna mais velha. Sempre tive a sensação de estar na contramão da vida, sempre no tempo e lugar errado. Ora adiantada, ora atrasada.

Concluí apenas o 1º ano, percebi que estava muito difícil para mim e para meus filhos todo esse sacrifício de conciliar tudo, passávamos muito tempo separados, nessa época já tinha dois. Para uma mãe com filhos pequenos estudar e trabalhar não é nada fácil. Tive que abrir mão mais uma vez do meu sonho de chegar à universidade. Mas, cuidar de meus filhos era mais importante naquele momento e sempre será. No ano seguinte, em 2004, tive mais um rebento, fiquei com três. O que estava difícil ficou impossível. Fui levando a vida com as alegrias e os desafios inerentes à “profissão mãe”. Esses relatos parecem um tanto dramáticos, mas, tenho que ser fidedigna com as informações e reflexões acerca dos fatos vivenciados, claro que essas são minhas narrativas, portanto, é meu ponto de vista sobre os acontecimentos.

4.1. A pouca escolaridade para conseguir emprego

Por causa da baixa escolaridade só conseguia empregos de nível fundamental com carga horária excessiva e salários baixos. Certo dia, um amigo me ofereceu um emprego em uma terceirizada que prestava serviço para um banco estatal, o salário era bom, a carga horária também, podia trabalhar e ainda ficar boa parte do dia com meus filhos. Mas, o cargo exigia formação até o Ensino Médio, e eu só tinha o 1º ano, perdi uma ótima oportunidade. Esse episódio foi só mais um dentre tantas outras oportunidades perdidas. Nessa época o Ensino Médio tinha algum valor acadêmico na hora de conseguir emprego. Porém, esse fato foi uma espécie de catalisador que fomentou no meu interior o desejo de estudar, buscar uma formação de nível superior, me sentia ignorante, inferior, e envergonhada quando alguém me perguntava qual era a minha formação. Percebo hoje o quanto isso era importante para mim.

A essa altura todas as minhas colegas de escola lá da roça já estavam formadas no nível superior, lá no distrito de Cachoeira tem um alto índice de pessoas com formação

universitária conforme já citei. Nós seres humanos temos uma tendência à comparação com o outro. Como fazer comparações entre indivíduos diferentes, que nasceram e se desenvolveram em ambientes e épocas diferentes, que receberam apoio, instrução, afeto e recursos de formas diferentes? Não é possível, mas mesmo assim, o fazemos. É o que acontece nos discursos baseados nos conceitos de meritocracia, como se todos os indivíduos partissem do mesmo lugar, ao mesmo tempo, com as mesmas condições externas e subjetivas.

4.2. Entrada no Supletivo

Para concluir pelo menos o Ensino Médio me inscrevi na Educação de Jovens e Adultos novamente depois de alguns anos. Dessa vez no supletivo que estudava em casa e comparecia no dia e hora marcados para fazer a prova. Assim fiz. Ao mesmo tempo me inscrevi num curso técnico noturno, porém, além de passar no processo seletivo teria que ser aprovada nas provas do Ensino Médio. Fui aprovada em tudo, menos na prova da disciplina de Física do EM. Não dei conta de aprender os conteúdos de Física sozinha. Com a reprovação nessa prova não consegui assumir a vaga no curso técnico no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) no qual fui aprovada. Foi uma surpresa ser aprovada nesse processo, mas perdi a vaga por causa do diploma do Ensino Médio, que consegui apenas seis meses depois, quando refiz a prova da disciplina de Física e fui aprovada. Não aprendi quase nada durante esses estudos à distância, não é fácil aprender conceitos, normas, fórmulas sem que haja um mediador no processo de aprendizagem. Sobretudo para mim que passei por esse processo de escolarização conturbado.

O sonho de cursar uma universidade permanecia, mesmo que guardado lá no fundinho da alma. Mas o pensamento que mais sobressaía é que a universidade pública não era acessível para qualquer pessoa. Os moradores da cidade de Mariana tem a Universidade Federal de Ouro Preto, mas o entendimento geral da comunidade de que não era para os moradores daqui, só tinha “gente de fora”, não havia o sentimento de pertencimento, hoje em dia uma boa parcela dos estudantes da UFOP são das proximidades, da sede, dos distritos e das cidades vizinhas.

Quando peguei o diploma do Ensino Médio, ficava pensando que teria pouca chance de concorrer com outros candidatos que cursaram o Fundamental e Médio de forma regular e em boas escolas públicas e particulares. Esses são geralmente os perfis de estudantes que adentram às Universidades públicas, eu não poderia pagar por um curso, então me restava

sonhar. Fiz seis meses de cursinho pré-vestibular em 2009, trabalhava à tarde e estudava de manhã, meus filhos iam para a escola e para a creche. Participei de duas edições das provas de vestibular para ingresso na UFOP. As provas na época eram dissertativas e nas questões “abertas” fui reprovada na primeira vez por zerar a prova de matemática. Eu me inscrevi no curso de Administração. Na segunda tentativa, no ano seguinte, obtive uma nota baixa, pois nunca tinha visto muitos daqueles conteúdos das provas. As questões da área de exatas eram as mais difíceis para mim, eram elaboradas no formato “aberto”. Tive certeza naquela época que não conseguiria passar com provas como aquelas, então “deixei para lá” por um tempo.

4.3 Os estudos dos filhos

Ano de 2017. Conversei com meus filhos para saber a opinião deles sobre tentar novamente entrar na universidade, e eles me incentivaram. Nessa época minha filha primogênita, então com 21 anos, já cursava o segundo semestre de Engenharia de Produção na UFOP, hoje está fazendo outro curso, está no 6º período de Direito. O filho do meio com 17 anos, cursava o curso Técnico de Edificações integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), hoje ele está no 5º período Engenharia Civil na UEMG. E a caçula com 13 anos em 2017, estava no Ensino Fundamental, nos dias atuais está terminando o Ensino Médio e concluindo um curso técnico em Análises Clínicas. Ela vai fazer o ENEM esse ano, e creio que estará na universidade no ano de 2023, as cotas de escolas públicas e de baixa renda tem ajudado muito.

Nenhum deles trabalhou durante a adolescência, salvo alguns *freelancer* nos finais de semana para pessoas próximas e familiares para ganhar um dinheirinho e aprender a valorizar o trabalho honesto. Mas nada de carga horária integral, ou carteira assinada, estudos noturnos depois de um dia inteiro de trabalho. Eu não deixei! Não queria que passassem pelo o que eu passei. Ficava preocupada com o fato de meus filhos não estudarem por algum motivo e terem uma vida difícil como a minha. Não estou afirmando que tudo depende de ter diploma, pois, isso não resolve certos problemas da vida. Mas, para o pobre é o único caminho de uma melhor qualidade de vida, com certeza! Não apenas na área financeira, que é uma consequência do processo, sobretudo a contribuição da educação para o desenvolvimento do pensamento crítico, da prática integral e efetiva da cidadania, o reconhecimento de direitos e deveres. Com muita dificuldade e fé em Deus eles estão avançando. Atualmente, ganham algum dinheiro de bolsas de estudos e estágios remunerados nas áreas em que estão se graduando. Não me "arrumaram" nenhum neto! Amém!

5. A escolha pela Pedagogia

Anos antes de fazer o ENEM, já sabia que queria me graduar em Pedagogia, desisti da Administração. As pessoas sempre me confundiam com uma professora, geralmente alguém me perguntava, você é professora? Você tem “cara” de professora! Eu não sei porquê. Será que professora tem “cara”? Tem cara e é gente! Ainda não sei dizer se o professor tem fala, tem gesto e sorrisos próprios, mas sei que, sua identidade profissional vai se construindo pautada nas suas experiências de vida. O docente não está separado do sujeito por trás da “cara” de professor, ele é gente! E é bom ser gente! Concordando com Freire que afirma,

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade (FREIRE, 2001, p. 58-59).

Confesso que quando me decidi por esse curso não entendia do que se tratava exatamente. Me confundia as variadas atribuições, especificidades e áreas de atuação do pedagogo(a), só sabia que era isso que eu queria. Mulheres que são decididas e conscientes de suas limitações e desafios, têm consciência daquilo que gostariam de fazer, e do que realmente é possível ser feito com o tempo e os recursos que tem. Estão determinadas a se colocarem na sociedade não somente como vítimas, mas também, e principalmente, como sujeitos de sua própria experiência. Quando ingressei na Pedagogia pensei que o curso fosse sobre aprender o que ensinar, mas na verdade, se trata das teorias e práticas acerca de como ensinar. Isso me deu um certo apavoramento. Pois, diante da minha trajetória acadêmica, como iria ensinar se considerava que sabia tão pouco? Mas como dizia Paulo Freire, “ninguém sabe tudo, e ninguém ignora tudo”(FREIRE, 1996, p. 85). O processo de trocas de conhecimentos, se dá na relação dialógica professor-aluno.

Contudo, esse processo de conscientização do sujeito deve ser realizado numa relação dialógica estabelecida entre os educadores e os educandos. Nessa relação dialógica, os educadores, partindo dos saberes-feitos de seus educandos, criarão condições necessárias para que o educando ao tomar consciência de sua condição histórica torne-se sujeito de seu próprio processo educativo (FREIRE, 1992, p. 85).

Toda a minha trajetória acadêmica, a passagens pelo sistema educacional e minhas vivências me levaram a refletir sobre as experiências vivenciadas durante meu processo de escolarização, e de crianças, adolescentes e adultos brasileiros. Eu queria entender mais como

as pessoas das camadas populares, como minha família, percebem a escola. Os processos de segregação e discriminação existentes na sociedade que adetram à escola, as dificuldades que estudantes pobres, negros, indígenas, mães solteiras, e demais minorias sofrem para entrarem e permanecerem nos sistemas educacionais. Apesar de que, os pobres e negros não são minoria no Brasil, eles foram historicamente induzidos a pensarem que são, por uma minoria branca com espírito colonizador. As estratégias que esses grupos adotam para vencer, ou, quando e como são vencidos pelo sistema. Como alguém no lugar de docente pode contribuir de maneira a fazer uma diferença positiva na vida desses sujeitos? Eu me perguntava. Muitos sujeitos em fase estudantil estão sem direção, sem saber como construir um projeto de vida, sem capacidade de sonhar, com pouca esperança de que mudanças reais possam ser construídas diante dos contextos que vivemos. Paulo Freire sustentava que a história é “tempo de possibilidade”, de “possibilidade coletiva” (FREIRE, 1996). Isso significa que é nossa responsabilidade, pessoal e também coletiva, lutar por modificações sociais.

Durante esse percurso vivi experiências significativas com professoras(os) que tive, eles(as) viam em mim um potencial que eu não enxergava, eles plantaram uma semente de esperança, de que mesmo com tantas adversidades poderia realizar meu desejo de ter uma carreira profissional bem sucedida.

5.1. A Experiência no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)

Ainda em de 2017... 36 anos, filhos já crescidinhos. Tomei coragem e decidi fazer o ENEM, mesmo pensando que não tinha condições de competir com os outros candidatos. Agora, o formato das provas era outro, questões fechadas com peso diferentes a depender do curso escolhido. Me inscrevi e fui fazer a prova, ansiosa como uma adolescente. Minha filha mais velha, que já estava na universidade, me deu todas as orientações e “dicas”. Dizia ela: - Mamãe fique esperta senão a senhora não dará conta de fazer a prova, porque é “grandona”!... E tem que tirar um tempo para fazer a redação.

Achei muito difícil os conteúdos e a forma como a prova é elaborada, questões realmente enormes. Minha filhinha tinha razão! Pensava eu enquanto lutava com a prova. Como eu não tinha estudado regularmente, tinha conteúdos que nunca tinha nem visto. Diante das circunstâncias, minha nota não foi tão ruim. Assim que saiu o resultado fiz a inscrição no curso de Pedagogia da UFOP, mas descobri que não poderia participar do sistema de cotas para estudantes de escola pública. Porque quando voltei à escola para concluir o ensino médio fiz o tal telecurso, conforme já citei, onde o aluno estuda em casa e vai e faz a prova.

Me informaram no momento da inscrição que esse projeto não era público, pertencia a Fundação Getúlio Vargas. Eu não fazia ideia que aquilo não era público, ninguém nunca me disse, parecia público. Então tive que ir para a lista de ampla concorrência, isso me desanimou um pouco. Fiquei acompanhando as chamadas e sofria a cada uma que olhava e não via meu nome. Me convocaram na sexta chamada, não sabia mais como sorrir de tanta felicidade, meus filhos também se alegraram comigo. Fiz a inscrição e contava os dias para as aulas começarem, sentia que estava fazendo parte de algo importante, não senti mais vergonha da minha escolaridade. Quando contei à minha mãe que tinha entrado na universidade e que faria o curso de Pedagogia, ela disse: - O que esse curso faz? Eu não soube explicar direito, mas mesmo assim ela demonstrou satisfação e me abençoou.

5.2.Primeiras percepções no Ensino Superior

Na hora de ir para o primeiro dia de aula, em março de 2018, foi uma mistura de alegria e culpa. A felicidade de estar dando início ao meu sonho tão esperado e a culpa de sair todas as noites e chegar tarde, às vezes indo direto do trabalho para a universidade. Muitas mulheres, como eu, estão ou estiveram neste lugar, são responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado dos filhos, exercem ocupação profissional como provedoras e/ou co-provedoras da renda familiar e cursam a universidade no período noturno. É preciso muita determinação.

Não demorou muito para surgirem as primeiras reclamações acerca da minha ausência em casa. Certos dias eu ia para aula chorando, pensei em desistir várias vezes. Novas situações trazem consigo a necessidade de adaptações e novos arranjos, como nos conceitos de aprendizagem apresentados pelo psicólogo, biólogo e pensador suíço Jean Piaget sobre assimilação, acomodação e equilíbrio. Que ocorre quando a estrutura mental existente de uma pessoa, os chamados esquemas cerebrais, devem ser alterados para se adaptar às novas informações e situações.

No campo da psicologia, a acomodação é um componente do processo de adaptação e desenvolvimento cognitivo. Penso que qualquer ser humano independente da idade que tenha, passa por esses processos com frequência. Mas a grande maioria não entende os conceitos científicos por detrás das peripécias do cérebro humano diante das mudanças, diante da aventura que é viver. Aprendi um pouco sobre Piaget já nos primeiros semestres do curso de Pedagogia, nas aulas de Psicologia 1 e 2, até então nunca tinha ouvido falar dele. Essa disciplina, ao meu ver, deveria ser ministrada por mais semestres. As especificidades dos sujeitos com que um pedagogo em atuação tem que lidar são múltiplas, um maior

aprofundamento nas questões complexas do comportamento humano seria um facilitador das práticas docentes. O professor não tem que saber tudo e nem entrar na seara dos psicólogos. Mas, os educandos chegam aos sistemas educacionais com tantas situações complicadas e às vezes veem no educador um canal de ajuda, para isso é preciso entender conceitos comportamentais e sociais básicos.

A Psicologia tem papel importante para a educação por desenvolver ações que possibilitam a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem e a criação de intervenções que visam à superação de processos de exclusão, patologização, estigmatização social, traumas emocionais e psíquicos que perpassam os sujeitos que frequentam o ambiente escolar. A Lei 13.935/2019, prevê que as redes públicas de educação básica deverão contar com serviços de Psicologia e de Serviço Social para atender as necessidades e prioridades definidas pelas políticas de educação, por meio de equipes multiprofissionais, com a participação da comunidade escolar. Atuando na mediação das relações sociais e institucionais. A partir da aprovação, em 2019, os sistemas de educação teriam um ano para o cumprimento e adequações, mas talvez por causa do advento da pandemia do SarCov 19, a lei ainda não foi implantada nas escolas. Em 2021 outro projeto de lei foi aprovado. A Câmara dos Deputados aprovou a inclusão de psicólogos e assistentes sociais entre os profissionais de educação contemplados pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). A medida foi incluída no Projeto de Lei 3418/21, que altera a regulamentação do Fundo. A autora do projeto de lei, foi a deputada professora Dorinha Seabra Rezende (DEM-TO), que ressalta que esses profissionais devem atuar juntos com professores e pedagogos na busca de uma educação pública de qualidade, e que eles contribuem significativamente nos processos pedagógicos.

5.3. O Período de adaptação ao ambiente Universitário

Assim que cheguei no espaço universitário fui procurar minha sala. Me senti perdida sem saber como funcionavam as divisões das aulas, onde era o prédio, tudo muito estranho. Chegando na sala de aula me deparei com colegas de turma onde a maioria dos alunos tinham as mesmas idades de meus filhos. Isso é bom porque, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2018, somente 27,2% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos ingressam no nível superior, e 24,6 milhões de adolescentes e jovens entre 15 e 29 anos

estão fora dos sistemas educacionais. O sistema de cotas para estudantes negros, indígenas e de baixa renda tem contribuído para um aumento significativo desses números.

Minha presença parece que não causou tanto estranhamento como aconteceu na sala de aula do Ensino Médio, quando fui confundida com a professora. Havia mais uns três alunos com mais idade do que eu. Uma turma bem heterogênea. Porém, com o tempo os conflitos apareceram, coisas normais das relações sociais, a diferença geracional e de experiências contribuíram um pouco para as diferenças nas maneiras de pensar, mas nada que não se resolva com um pouco de maturidade e diálogo. Conviver com esses jovens todo esse tempo me fez entender melhor as situações pelas quais meus filhos passam, um olhar externo sob uma nova perspectiva contribuiu para melhor entender as dificuldades, especificidades e alegrias da juventude.

Muitas vezes esses colegas me procuravam para falar de assuntos que só uma mãe poderia aconselhar, e justamente por causa das experiências como mãe, eu tinha alguns conhecimentos para compartilhar com eles. Houve trocas significativas de conhecimentos entre nós, espero ter sido uma presença positiva.

O primeiro semestre foi muito difícil. A adaptação foi dolorosa. Há muito tempo sem estudar, não entendia sobre certos conteúdos abordados, muitos ministrados no Ensino Médio. Não sabia argumentar, apresentar trabalho oralmente, fazer slide, resumo de texto acadêmico. Não entendia como funcionavam os esquemas universitários, as notas, as avaliações, aulas eletivas, horas acadêmicas, projetos científicos, não sabia nada desses temas, meu Deus! Parecia uma extraterrestre! Me sentia em desvantagem em relação aos colegas, sentia que tinha que fazer muito mais esforço que eles para entender algo, sabia que teria que me dedicar mais e me atualizar, acadêmica e tecnologicamente. Meus filhos foram me ajudando com o que sabiam, depois os colegas. Os estudantes que durante o percurso da Educação Básica tiveram seu processo de aprendizagem reduzido, compactado, picado, atrasado ou adiantado como eu, é bem provável que encontrem mais dificuldades quando chegarem no Ensino Superior. Se os processos de escolarização regular na Educação Básica já têm dificuldades para formar um cidadão crítico, consciente e capacitado para ingressar no Ensino Superior, a situação dos sujeitos, que por algum motivo não conseguiram seguir esse percurso regularmente na educação, fica bem mais complicada. Isso quando conseguem chegar, e se chegam, ainda tem que vencer outra batalha, a permanência.

5.4. Aprendendo com os discursos da Universidade Pública

Adentrar no Ensino Superior em uma Universidade Pública me trouxe conhecimentos dos conteúdos inerentes à Pedagogia e para além dela, para a vida. Direitos de cidadania, respeito, as lutas e vitórias dos grupos minoritários, a história da educação no Brasil e os processos que os sistemas educacionais têm passado desde o Império até os dias de hoje. Passei a entender o contexto social em que meus antepassados viveram. Legislações que nunca tinha ouvido falar, como a 9396/96 que é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB) por exemplo, mesmo tendo três filhos em processo de escolarização. Não percebia o racismo, mesmo tendo a maior parte dos familiares negros, a homofobia, xenofobia, sexismo, preconceitos contra o diferente, o deficiente e a mãe solteira que trabalha, tudo tão naturalizado e enraizado na sociedade que a maioria de nós pratica normalmente. Muitos dos conteúdos das disciplinas do curso de Pedagogia abordam essas temáticas que rotineiramente adentram o ambiente escolar. Mas não começa na escola, a sociedade historicamente vem ditando o que e quem é bom, o que serve, quem deve ficar em qual lugar, e a escola reproduz. E o professor que não reflete sobre os problemas sociais de seus alunos e não revê suas práticas de ensino e aprendizagem em sala de aula, fica aquém de um dos seus papéis, a possibilidade de ser um agente social transformador da educação e por meio dela. Não só do mundo do outro, mas também de si, com ações de interpretação, compreensão e crítica das realidades que lhe cercam.

Mas nem todos os discursos igualitários, de respeito às especificidades e vivências dos alunos apresentam concordância entre teoria e prática na Universidade Pública. Uma das questões que me perpassaram foram as cargas horárias extensas dos currículos do curso de Pedagogia. Estive pesquisando em outros cursos de graduação da UFOP e a maioria não passa de 5, 6 disciplinas por semestre, na Pedagogia chega a ter nove num semestre. Uma carga alta, mais as eletivas e horas acadêmicas que tem que ser cumpridas em atividades extracurriculares, estágios etc. As graduações na área de humanas têm em sua grande maioria estudantes das camadas populares que trabalham, estudam e/ou cuidam da família, eu faço parte desse grupo. Muitos iguais a mim, não irão se formar no tempo certo, porque é impossível carregar uma carga dessa, trabalhar 8hs, cumprir o currículo integralmente, cuidar da casa, filhos, casamento, projetos, estágios. Simplesmente impossível.

Observei nesses anos de graduação a quantidade de colegas que desenvolveram doenças emocionais e psíquicas, níveis de ansiedade intoleráveis sem terapia e/ou medicação. Uma frase muito comum que tenho presenciado no ambiente acadêmico é “tive uma crise de

ansiedade". Segundo pesquisa da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil), publicada em 2019, pelo menos 83% dos estudantes de universidades federais brasileiras já enfrentaram alguma questão de ordem emocional – aumento de 3% em relação ao mesmo estudo realizado em 2016. E esses dados são ante-pandemia. Ansiedade, depressão, insônia, desânimo e sensação de desamparo são situações recorrentes nos relatos de alunos. Adversidades que envolvem todo o histórico de vivências dos alunos, distancia da família, mudança de cidade, de moradia, dificuldades financeiras e acesso a materiais e meios de estudos, relacionamentos pessoais e interpessoais, acrescidas de um sobrepeso de atividades curriculares e extracurriculares a serem cumpridas. Um modelo acadêmico competitivo e que suscita a busca pela excelência para alcançar modelos elitistas que estão arraigados historicamente dentro das universidades, sobretudo nas instituições públicas de mais prestígio.

Em certas ocasiões senti o preconceito de alguns professores (na verdade apenas de professoras) com alunos mais velhos e que trabalham. Eu cursei 4 períodos antes da pandemia Sars Cov 19, e nesse período, tentei entrar em vários projetos. Fui rejeitada em todos. A pergunta sempre foi: Você trabalha e tem 3 filhos, né? A tentativa mais traumática foi quando desejei entrar no Programa de Estudos Tutorados (PET Pedagogia). Depois de ouvir falar muito bem do programa eu quis muito participar. Saiu um edital então me inscrevi. Tinha umas 12 candidatas inscritas. Aguardamos juntas na porta da sala a hora da entrevista. Havia na sala duas professoras responsáveis pelo projeto e mais umas 4 petianas escutando a conversa e dando palpite, achei a cena bem desconfortável. Falei um pouco da minha trajetória de como foi chegar até aquele momento. Mas, elas insistiam nas perguntas que indagavam sobre o que eu teria feito de significativo na vida acadêmica e para a comunidade na qual fazia parte. De quais projetos fiz parte durante minha vida estudantil, e que diferença fiz na sociedade. Parece que elas não ouviram e nem consideraram nada do que eu disse sobre minha história. Nada positivo claro! Depois de alguns dias saiu o resultado, a lista foi pregada na porta da mesma sala onde foi a entrevista. Lá estava o nome de todas as meninas que foram entrevistadas, menos o meu. Todos os doze nomes estavam, dentre titulares e suplentes. Não me quiseram nem para limpar o chão para elas. Poderiam ter me colocado como a última suplente de suplente, eu não teria me sentido tão inútil e rejeitada, como me senti.

Será que uma mãe com uma história de dificuldade e superação não tem nada a contribuir com um programa educacional de formação de professores? O professor antes de se fazer

professor é um sujeito. "O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor" (NIAS, 1991). Um indivíduo com uma "bagagem" de vida, e essa bagagem influencia diretamente no seu fazer profissional, nas suas práticas em sala de aula. Conforme afirma Nóvoa;

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA,1992).

Eu queria uma oportunidade para mostrar que era capaz como qualquer daquelas moças de vinte anos, sem filhos que podiam se dedicar inteiramente aos estudos. As minhas experiências de vida contribuíram de forma positiva para minha formação acadêmica enquanto pedagoga. Para Miguel Arroyo, "somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos."(ARROYO, 2000).

5.5. O Período da Pandemia

Logo no início do 5º período veio a pandemia. Tudo fechado. Fiquei o ano de 2020 longe dos estudos. No meio do ano começou a oferta de disciplinas online, mas eu não quis, pensei que fosse passar rápido e tudo voltaria ao normal. Mas isso não aconteceu. No ano de 2021 o curso passou a ser totalmente virtual. Outros problemas surgiram. A falta de destreza com a tecnologia foi um deles, e não fui somente eu, muitos colegas e professores também sofreram bastante. Três semestres em apenas um ano, currículos com carga horária extensa, pouca paciência e perseverança com o formato de aula virtual. Não consegui me organizar bem, não somos preparados pelo sistema educacional a sermos sujeitos ativos e centrais da nossa aprendizagem. Faltou autodisciplina e espírito de autonomia para articular o conhecimento. Foi um caos! Certamente que minha formação ficou prejudicada.

Mas coisas boas aconteceram nesse período, conheci pessoas maravilhosas, professores mais reflexivos e humanos que me deram boas oportunidades. Consegui fazer parte de dois projetos, um de extensão e o outro chamado Residência Pedagógica. Este primeiro é um subprojeto vinculado ao Projeto UFOP com a Escola. Os projetos visam a formação pedagógica de docentes na perspectiva da alfabetização e letramento de alunos adultos e idosos, ambos sob a coordenação de uma gentil, dócil e experiente professora, da qual tenho profundo carinho e admiração. Espero estar contribuindo de forma significativa na mesma

proporção que esses projetos, e os sujeitos neles envolvidos, têm contribuído com minha aprendizagem e formação docente.

5.6. Estou me “formando” e agora?

Durante esse último semestre comecei a refletir sobre o que farei quando pegar meu “canudo”. Falta pouco para terminar e estou sentindo um certo embaraço mental, pensando o que farei agora? Vou para sala de aula? Serei uma coordenadora pedagógica? Uma gestora? Educação Infantil, Anos Iniciais, EJA? Escola pública ou privada? Conforme Paulo Freire, “[...] Qual a boniteza de ser professor? Em que consiste ensinar-e-aprender com sentido?” (FREIRE *apud* GADOTTI, 2011). Para o autor "sentido" quer dizer,

caminho não percorrido, mas que se deseja percorrer, portanto significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é fazê-lo com um sonho na mente; e a Pedagogia deve servir de guia para realizar esse sonho (GADOTTI, 2011, 17).

Abandonarei meu cargo público efetivo de mais de 12 anos para ingressar numa nova profissão e começar do zero? Certamente que não é tão simples essa mudança. A adaptação nos primeiros anos de carreira docente são dificultosos e cheios de surpresas, umas gratas, outras nem tanto. Ainda mais quando parece que é trocar o certo pelo incerto. A condição de trabalho dos professores, no Brasil, ainda se encontra precária. “A isso, soma-se uma remuneração insignificante desde longa data tornando a profissão pouco atraente” (OLIVEIRA; GATTI, 2010). Leva-se um tempo para a assimilação de mudanças, ainda mais tão significativas. Concordo com as afirmações dos autores Cole e Walker, que dizem,

O trabalho centrado na pessoa do professor e na sua experiência é particularmente relevante nos períodos de crise e de mudança, pois uma das fontes mais importantes de 'stress' é o sentimento de que não se dominam as situações e os contextos de intervenção profissional. É preciso um tempo para acomodar as inovações e as mudanças, para refazer as identidades (COLE & WALKER, *apud* NÓVOA 1989).

Penso que a expressão “estou formado” proferida pela maioria das pessoas na conclusão de qualquer nível de escolaridade, é um tanto perigosa. Quem pode dizer que está formado? Que está completamente pronto para algo. Para Paulo Freire, somos seres inacabados, sempre em constante aprendizado, num contínuo movimento de procura, de fazer e refazer. E ainda, segundo ele, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital”, pois, “onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 2001, p. 55). A aprendizagem é contínua, nunca para, e se dá dentro e fora dos sistemas formais de educação. O docente que apresenta

características de um profissional crítico e reflexivo, aquele que toma consciência de si e dos outros, provavelmente terá um fazer diferenciado acerca da ação docente. E esse profissional entende que pegar o diploma universitário de pedagogo é apenas o começo. Freire discorre sobre o processo de tomada de consciência. Para ele,

A conscientização, como atitude crítica dos homens na história, não terminará jamais... a conscientização, que se apresenta como um processo determinado deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante o qual a realidade transformada mostra um novo perfil (FREIRE, 1980, p. 27).

Esse curso tem me ajudado a refletir sobre as circunstâncias da vida dos brasileiros, e de muitos povos, suas lutas e especificidades, contribuindo para a elucidação de problemas e situações surgidas no decorrer de minha caminhada acadêmica e pessoal. Clareando minha mente em relação à busca de novas soluções e estratégias para me sobressair em um sistema social desigual e perverso, e também poder trazer contribuições às aprendizagens de meus futuros alunos. Mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento chave da socialização e da configuração profissional (NÓVOA, 1992).

6. Considerações Finais

A narrativa desse Memorial Formativo descreve partes da minha trajetória pessoal e acadêmica até aqui. O processo de aprendizagem é contínuo. Fatos, memórias, acontecimentos e experiências entrelaçadas que vão construindo quem somos, combinações de nosso interior com as percepções do mundo externo. O exercício de escrita de minhas experiências me trouxe satisfação pessoal ao refletir sobre tudo que passei, e agora conseguindo realizar a conclusão desse curso. Reflito também sobre o processo de construção de conhecimentos de um professor em formação, como esse profissional deve desenvolver competências teóricas, práticas e socioafetivas para estar no lugar de educador capacitado a mediar o processo de apropriação de conhecimentos de seus alunos. Contribuindo para formação de cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres, aprendizes autônomos, críticos e reflexivos. Mas, é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a graduação é apenas o começo, devo buscar o aprimoramento de minha atuação na profissão docente, a vida é uma fonte inesgotável de conhecimento e experiências. Que estejamos atentos e nunca desistamos diante das adversidades. Como dizia Freire, tendo eu “a consciência do meu inacabamento, da minha inconclusão, posso compreender o que falta, intervindo na realidade para construir o que me falta”. (FREIRE, 2001).

7. Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

COLE, Martin & WALKER, Stephen (eds.). **Teaching and Stress**. Milton Keynes: Open University Press, 1989.

DADOORIAN, Diana. **Pronta para voar, um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 a.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100012>. Rio de Janeiro: 2012.

FONSECA, Marcus V. . **Considerações Teóricas a Respeito da Educação dos Escravos**. Paidéia (Belo Horizonte) , Belo Horizonte, v.1, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 40ed. São Paulo: Ed: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2013.

FREUD, Sigmund. **Sexualidade feminina**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GADOTTI, Moacir: **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido / 2. ed. -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.(Educação cidadã ; 2).

GATTI, Bernadete Angelina et alter. **Atratividade da carreira docente no Brasil**. São Paulo: Fundação Victor Cívita - Fundação Carlos Chagas, 2010.

Manual de redação: Agência Senado, Jornal do Senado. Brasília: Senado Federal. _____. Secretaria Especial de Comunicação Social.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. 9ª edição. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1998.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In. NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1992.

OLIVEIRA Marta Kohl. **Vygotsky** - Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico. São Paulo, Ed. Scipione 1998.

VEIGA. C.G. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPED, v. 13, n. 39 set/dez, 2008